CASA PUNK
JORNAL
julho 2016
entrevistas
com as bandas:
Dögbite
Maldita
Ambição
S.O.S Chaos
+
ARTIGOS
DEPOIMENTOS
RESENHAS
CASA
PUNK

ÍNDICE

EDITORICHAOS

por Márcia Miranda

Muitos punx se questionam sobre a origem, as mudanças (evoluções) e toda história que a cena punk possui. Poucos procuram adquirir tal conhecimento e competência. Questões como: "Por que devemos estudar e conhecer melhor a nossa cultura? Não basta apenas vivê-la?" são pertinentes em nosso meio. Sem esse tipo de reflexão ou busca para aprender, nossa cena acaba fraca e vazia.

Como aprender e explicar as transformações que ocorreram nesses quase 40 anos? Viver dentro de uma cena é participar dela, de toda essa produção. Quando fazemos isso, acabamos produzindo a história das pessoas, dos grupos e registrando sua importância.

Das relações pessoais estabelecidas dentro da cena punk aos conflitos que surgem no meio, precisamos saber os problemas que nos afetam em nosso cotidiano (produções punx) e conhecer a estreita relação entre questões individuais e questões que envolvem o meio (conflitos com gangues, questões políticas).

O que aprendemos nas ruas dos subúrbios em nossa vivência diária, nos mostra que cultura punk aos longo dos anos tem formado indivíduos autônomos, que se transformaram em pensadores independentes, capazes de analisar o mundo em volta (tv, internet, meio social) com olhar crítico e reflexivo, percebendo o que se oculta nos discursos feitos por quem detém o poder e esses indivíduos acabam formando o próprio pensamento adquirindo a capacidade de fazer as próprias perguntas para alcançar um conhecimento mais preciso da sociedade e da cultura a qual pertence. Para isso ocorrer, essa busca tem que ser legitimada sem preguiça ou desculpas, mas com esforço e gosto pela leitura (livros, zines, artigos, pesquisas etc...) e vivência nas ruas. Toda essa mudança no indivíduo, o posicionamento, registros devem estar pautados no conhecimento adquirido em fontes seguras (estudos) para que esse indivíduo punk se torne de fato autônomo, ele precisa entender a realidade social e os problemas dessa realidade e qualquer possibilidade de mudança (seja de hábito, valores culturais) para uma forma de organização que assegure mais tolerância, igualdade, cooperativismo entre os indivíduos da própria cultura.

Nesses 40 anos a cultura punk tem muita coisa registrada para pesquisa. Ter curiosidade em saber a origem dos primeiros fanzines punx (tanto nacionais como estrangeiros), abrir a mente para saber sobre as várias cenas da cultura punk local de outros Estados e países, usar a ferramenta da internet para se comunicar e estreitar laços com punx em volta do mundo, criar o gosto do "APRENDER A APRENDER" sempre. Ouvir bandas novas e antigas tentando conhecer a história dos integrantes, enfim tem um mundo lá fora com histórias inacreditáveis, que certamente servirão de combustível para se manter punk. Existem coisas ruins dentro de um meio, mas existem coisas boas também e a cena punk brasileira é uma das mais produtivas que conheço.

Não estou fechando os olhos para os problemas em nosso meio, explicar as contradições não é rersolvê-las, levar a consciência tudo que torna a vida dolorosa (toda desigualdade social) é inviável até, mas não tem como ser "neutro" politicamente/ideologicamente e dentro da cultura punk esse descomprometimento é uma impossibilidade, ser "neutro" é um esforço em vão.

A "visão de mundo" fazendo parte da cultura punk nos remete a uma responsabilidade a do conhecimento da nossa história, a responsabilidade das mudanças, do impacto dessa visão sem fugir das responsabilidades de escolha que enfrentamos diariamente.

Almejo dizer com esse editorial é simples : precisamos conhecer nossa própria história e difundí-la, não podemos perder nossa essência cultural. O conhecimento é algo libertador, pois nos livra das correntes dos "achismos".

Mantenham-se Punx !!!
Mantenham-se Livres !!!

Organização e Textos: Márcia Miranda
Arte da Capa, Diagramação
& Arte Gráfica: Vine Righi

SOCIALIZAÇÃO -POR FRAGMENTOS na cena punk

texto por:
Márcia Miranda

Uma das principais características do nosso tempo é a visão fragmentária do mundo. Atualmente essa visão inspira reflexão sobre o processo de socialização e isso independe de meio.
A socialização tem acontecido cada vez mais em pequenos fragmentos e na cena punk não poderia ser diferente. Crescemos com a TV despejando imagens, mensagens inquestionáveis seguindo o modelo tradicional. Com a chegada da internet veio consumo rápido (a velocidade), notícias mastigadas e acesso a informações como se fossem todas iguais e tivessem a mesma importância.
Não se vê mais a preocupação com a leitura, seja de um livro ou um fanzine. Tudo está sendo substituído por resumos, resenhas, frases soltas e memes

Muitos punx demonstram uma capacidade reduzida para argumentar com fundamento e quase não tem uma visão histórica ou processual do que está acontecendo. O que evidencia não apenas ignorância do passado, mas também falta de um senso em relação a história do movimento punk no Brasil e no mundo.
Essa socialização por fragmentos tem tornado indivíduos punx reféns da tecnologia, do consumo imediato e da pouca reflexão. Muitos pautam sua opinião sem averiguar a fonte. Imediatismo, preguiça de pensar, pouca ou quase nenhuma leitura e a construção do indivíduo na cena punk tem se dado por pedaços perdidos e desconexos, confundindo a vida real com o imediatismo virtual.

a origem da CASA PUNK

texto por:
Márcia Miranda

A história da Casa Punk está ligada a minha vida literalmente.
Minha participação na cena punk começou em 1987 quando formei minha 1ª banda punk. Como uma garota inquieta a partir do momento que tive contato com a parte produtiva na cena punk (no início dos anos 90), consegui direcionar melhor minha raiva.
Pintava minhas camisetas à mão, não havia materiais de bandas como : RIP, PUKE e frases de protesto a venda. Fazer essas camisetas era algo divertido.
Em 1994, após iniciar as atividades da banda Pós Guerra surgiu a oportunidade para fazer parte de uma cooperativa de bandas punx. As bandas Ira dos Corvos, Pós Guerra e Castitate Sociale se juntaram para produzir materiais gráficos, compartilhar o local de ensaio e montar uma distro. Essa união deu início a Cooperativa Rojas De Rabia.

Reunimos nossos equipamentos numa sala para ensaio na Casa Da Bresser. Lançamos o n°#01 do fanzine Rojos de Rabia (que abordava temas sobre questões da mulher, homofobia, conflitos na cena punk entre outros). Em seguida montamos a distribuidora de materiais punx, haviam camisetas de bandas e de protesto, venda de vinil (7ep e 12 ep), livros, fanzines, k-7s.
Toda essa proposta e coisas que foram me envolvendo me fizeram brilhar os olhos, algo importante estava acontecendo: movimento.
Com o início das produções e com todos os projetos saídos do papel, posso descrever a sensação ao pegar na caneta de nanquim e desenhar as primeiras artes na folha de papel vegetal, toda riqueza de detalhes e a arte ganhava vida. Aprendi a montar uma mesa para revelar a tela (gravar), a esticar o nylon no quadro e grampeá-lo e nenhuma dificuldade que enfretei foi capaz de me desmotivar. Muitas telas saíram erradas, muitas camisetas foram estampadas erradas e com os erros vieram os acertos, e o apoio de todos que estavam comprometidos para que a Rojas de Rabia desse certo foi essencial.
As produções estavam a milhão (camisetas, tapes, zines, catálogo, correspondência etc...), alguns integrantes davam palestra sobre cultura punk, feminismo, aborto e outras questões que faziam parte do contexto naquela época e a Cooperativa não aguentou a pressão. Descobri que manter um trabalho com pessoas que não temos afinidades é difícil e o que era bom, se tornou conflituoso e chato. Em pouco menos de 1 ano a Rojas De Rabia chegou ao seu fim.
A semente foi plantada, e a ideia de ter uma distro havia me contagiado. Queria continuar a produzir e meus olhos ainda brilhavam com a possibilidade de fazer a minha própria distro. Por que não tentar?
E no ano de 1995 surgiu a "Päu Dä Lääska – Produções" distribuidora de materiais punx e organizadora de eventos.
Antes de falar sobre a distro em si, explicarei esse nome engraçado que escolhi, assim como tudo que ele me representa.
Päu Dä Lääska significa para mim, que a lääska para ser nociva não precisa ser de madeira nobre. Lasca é lasca e fere as vezes de forma profunda, sua madeira nada implica no ato de ferir ... a ferpa fere e indifere da madeira. Päu Dä Lääska é isso, a madeira que pode ser podre, tosca, mas que surte efeito. Como entusiasta da

cena punk finlandesa e suéca, essas tremas e a letra A dobrada acabou sendo uma referencia a esses cenários que mantinham o punk vivo do outro lado do mundo. Por quê Päu Dä Lääska? Era assim que eu me sentia, uma garota nociva cheia de sonhos e lutas, me sentindo a própria lasca e decidida a fazer o caos de forma direcionada.

A Päu Dä Lääska foi minha primeira distro, aprendi muitas coisas com ela. A distro começou em 1995 e se mantiva ativa até o ano de 1999. Me proporcionou conhecer ótimas pessoas na cena punk, contatos com punx no mundo, expor materiais nas gigs, trocas de materiais. A distro surgiu dentro da cena Anarco Punk de SP e fazia parte do MAP/Jundiaí. Como distro deu suporte para vários coletivos dos quais eu fazia parte como : CAF/SP, Comuna Cecília (Várzea Pta), Hijos del Pueblo (membros de: Jacareí, Ferraz, Suzano, Varzea Pta), Gato Preto (Cooperativa de Bandas), Vidativa (Coletivo e fanzine), entre outros que no momento não recordo os nomes. As vendas de materiais ajudavam a manter equipamentos e o próprio espaço de ensaio das bandas: Vala Negra, Ira dos Corvos e Pós Guerra. Agradeço ao Tatú (guitarrista e vocal da banda punk Vala Negra) por todo suporte dado no início da distro.

Em 1999, eu rompi com a Cena Anarco Punk de SP, então não fazia sentido manter um trabalho que nasceu e morreu dentro de um meio. Nesse mesmo ano foi criada a cena rawpunk da zona leste. Esse surgimento trouxe a necessidade de criar algo que representasse os sentimentos e sonhos de difusão pela cultura punk, eis que surge a CASA PUNK.

A distro veio como suporte a uma cena que acabara de ser criada, tendo como proposta a difusão e valorização da cultura punk. Uma distro única e exclusivamente PUNK.

Encontramos um espaço físico na cidade de Poá (zona leste da grande São Paulo), uma casa com 4 cômodos e uma ótima localização, próxima a estação de trem.

Começamos a dividir os espaços: 1 cômodo para colocar os equipamentos e se tornar o local de ensaio, outro cômodo para a parte de serigrafia (montar a mesa para revelar/gravar as telas, colocar os tecidos, camisetas, tintas e tudo relacionado a estamparia), outro cômodo para reuniões com o coletivo VIDATIVA e junto montar a biblioteca e fanziteca e a cozinha de uso geral. Aos poucos a CASA PUNK foi ganhando vida, paredes grafitadas e cartazes colados. Móveis encontrados na ruas (saudades do sofá). Em seu começo não servia de moradia para nenhum punk, o espaço era usufruído para manter as produções punx.

Produções feitas nos primeiros anos de vida da CASA PUNK: fanzine do coletivo Vidativa, fanzine Toskeira, fanzine Musta, fanzine Abiose. Acervo com 5 mil fanzines (doação pessoal), biblioteca com 150 livros, palestrantes convidados de vários locais e cenas, organização de gigs. Organização do LP Beneficente a CASA PUNK (2001), lançamento de tapes das bandas: Luta Armada, Pós Guerra.

A partir de 2003 foi criado um espaço para gravação/mixagem, onde a CASA PUNK se consolidou como selo punk. Seu primeiro material lançado foi um split CD do Luta Armada com a

banda Pós Guerra entitulado "Still Punx & Still Poor" (ainda punk ainda pobre).

Em seguida começou a gravar e lançar outras bandas punx. Em 2006 lançou o CD War Songs da banda Luta Armada e deu inicio ao festival CHAOZ DAY, um marco na história da cena punk no subúrbio da zona leste.
O festival Chaoz Day durou de 2006 até 2013. O que começou como festival se tornou uma coletânea em CD com 10 bandas em 2007, depois 2009 e por último um CD duplo para fechar o ciclo com 20 bandas (Obs: nunca havia sido lançado um cd duplo com bandas punks brasileiras).
Em 2014 foi dado início a um novo projeto, o lançamento de um vinil como havia rolado nos anos 80 e assim surge o LP Buracos Suburbanos.
Hoje a CASA PUNK está com o prejeto de um LP Duplo com 20 bandas punx, e a organização da turnê da banda Acidez (México), entre muitas atividades.
A CASA PUNK tem arraigado dentro de si toda energia acumulada nesses quase 30 anos (1987-2016), de uma garota que se tornou mulher e sempre quis fazer a diferença dentro da cultura da qual escolheu viver.

Essa diferença nada mais é que criar caminhos e oportunidades para que difundir e manter vivo, o que mais acredita : o punk. Agradeço ao Jaaka (guitarrista e vocal da banda punk Luta armada) por todo suporte dado no início da distro e durante esses 17 anos.

A distro/selo é o que tenho de melhor para oferecer para nossa cultura. É algo sincero e trabalhado com o coração e muita energia.
Turnês, festivais, fanzines, gravações, lançamentos, ensaios, produções diversas ... a CASA PUNK é tudo que o individuo envolto a ela faz.
Ter o brilho nos olhos e sentir amor pela cultura punk, toda rebeldia e revolta contra o sistema, se torna o combústível que alimenta a máquina. Durante esses longos anos a CASA PUNK teve muitos problemas com seu espaço físico devido a enchentes. Todas as vezes que isso ocorreu, recebemos apoio e solidariedade de punks de todos lugares (amigos próximos, de outros países) que ajudou com serviço braçal (ralando duro na reforma), que ajudou com grana, que organizou evento beneficente para doar ao espaço. Enfim, o que almejo dizer é que muito da CASA PUNK tem a ver com vocês.
A cena rawpunk sempre produziu e apoiou a cena punk do subúrbio da zona leste como de outros lugares. Surgimos e caminhamos a passos largos para falar da cultura punk de raiz.

Jammes: Baixo

Möa: Guitarra & Vocal

Yuri: Bateria

Dögbite

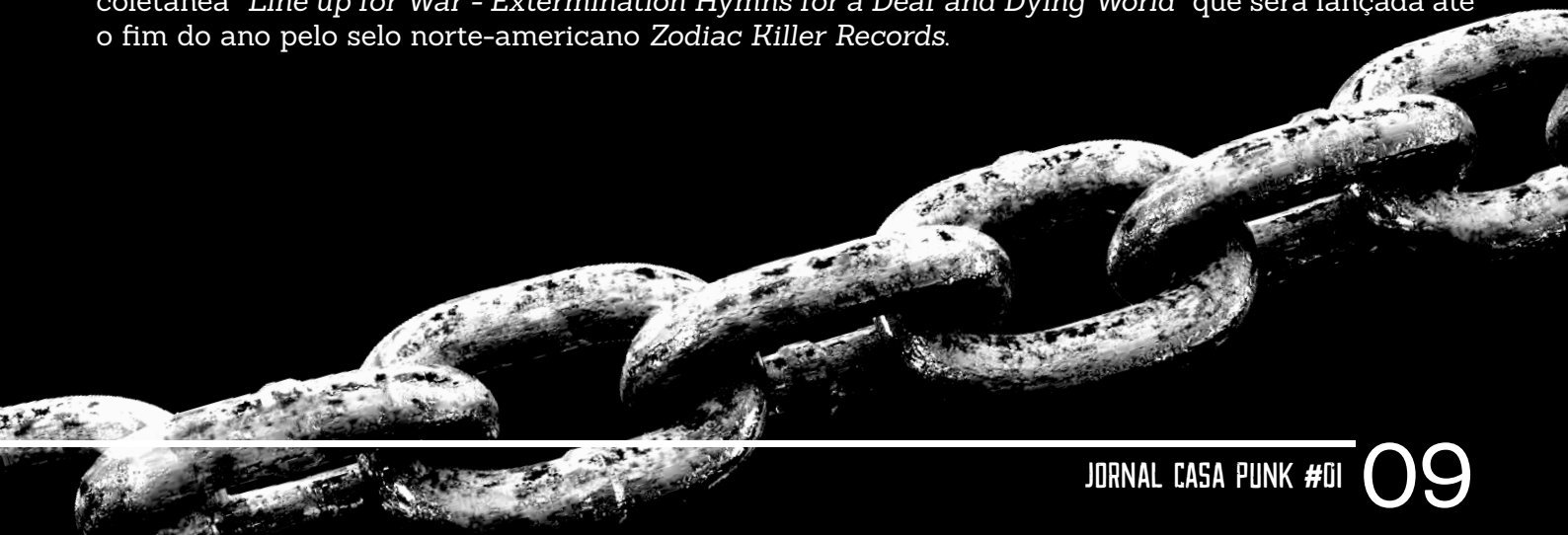
01. Fale um pouco sobre a Dogbite, a história de seus integrantes, como se conheceram e por que escolheram esse nome.

Möa: Bom, eu passei cinco anos tocando punk rock '77 em outra banda e devo ser sincero que eu já estava um pouco entediado e com muita vontade de voltar a tocar som com influências de hardcore/punk escandinavo que é algo que eu gosto muito. Eu vinha conversando com o Jammes sobre esse projeto há pelo menos uns 6 ou 8 meses e entre novembro e dezembro de 2015 resolvemos que era hora de entrar em estúdio e começar a ensaiar. Chamamos o Yuri, com quem eu já havia tocado anteriormente, para a bateria (ele é um excelente baterista por sinal) e assim completamos o line-up que permanece o mesmo nesses 9 meses em que a banda está em atividade. O Jammes trouxe muitas influências de metal para o som da banda e essa característica dele ajudou a compor a identidade sonora do Dögbite, resultando em uma música que está entre o hardcore/punk escandinavo e o estilo referido como "metalpunk" de bandas como Inepsy do Canadá. Basicamente as nossas influências são Discharge, Motörhead, English Dogs e a já citado hardcore escandinavo. Bem, sobre o nome da banda posso dizer que estávamos procurando um nome simples, curto e fácil de ser recordado e "Dögbite" (que pode ser traduzido como "mordida de cão") tinha todas essas características: é simples, curto, fácil de ser lembrado e remete à agressividade crua que queremos associar à música e à imagem da banda.

02. Sobre o quê falam suas músicas? Como as letras são criadas e quem faz os rifes? Assisti a 1ª apresentação do Dogbite no Gama, e foi uma gig linda que a muito tempo não via, vocês me passaram muita energia e sinceridade no som, uma empolgação que fazia todo mundo tirar os pés do chão e ir ao pogo. Vi que estão em harmonia musicalmente.

Möa: Todas as letras até o momento foram escritas pela minha namorada Ananda com poucas alterações feitas pelos integrantes da banda. Ela capta bem a essência das influências que temos porque ela também ouve exatamente esse tipo de som. Nós procuramos não tratar de determinadas temáticas típicas do punk de uma maneira óbvia ou clichê, procuramos falar disso de forma mais indireta ou até mesmo filosófica. Ao invés de falar de temáticas políticas em geral optamos por falar de aspectos mais introspectivos e que retratam coisas que consideramos negativas no campo individual, já que no nosso entendimento tudo o quanto há de nocivo e negativo emana primeiramente do indivíduo e só posteriormente isso tem reflexos no campo político. O ser humano é o maior foco de destruição do seu próprio espaço, é o único animal dotado da capacidade de mentir e ludibriar, é inegavelmente inclinado ao mal. Nós falamos de coisas assim, de maneira óbvia ou não. Já estamos beirando a meia idade e as nossas utopias antigas deram lugar a uma perspectiva mais realista e "pé no chão" acerca da realidade na qual estamos inseridos, então, preferidos direcionar as nossas letras a uma crítica do indivíduo e deixar de lado certas temáticas mais típicas no meio punk. É muito gratificante ouvir de você que foi transmitido toda essa energia em uma apresentação ao vivo, talvez isso seja decorrente do fato de os integrantes da banda já se conhecerem a muitos anos e já terem tido oportunidade de tocar juntos em outras bandas no passado. Temos uma rotina razoável de ensaios, o suficiente para manter o pique nas gigs e dar vazão a essa energia a que você se referiu.

03. Vocês disponibilizaram o EP "Wild Dogs" na internet, possuem algum material físico? Como adquirir?

Möa: Nós disponibilizamos o "*Wild Dogs*" EP na internet e também no formato CD-R. Quem estiver interessado em adquirir no formato CD-R basta me contactar pela página da banda no Facebook (*facebook.com/DOGBITEROCKNROLLERS*) ou pelo e-mail (*moa7782@gmail.com*). A banda conta agora também com um canal no Youtube (*https://goo.gl/Q7KxQQ*) e todo o material que produzirmos será postado lá sempre que possível. No momento estamos ensaiando algumas músicas para a coletânea "*Line up for War - Extermination Hymns for a Deaf and Dying World*" que será lançada até o fim do ano pelo selo norte-americano *Zodiac Killer Records*.

04. Conte um pouco sobre a cena punk no DF e suas principais mudanças ao longo dos anos e sobre o público da Dogbite nas gigs.

Möa: A partir do início dos anos 2000 a cena punk do Distrito Federal passou por um profundo processo de fragmentação ainda maior que aquele que se percebia nos anos 1990. Talvez a minha perspectiva acerca da cena punk do Distrito Federal não seja tão otimista, mas eu jamais me sentiria confortável de tentar, de alguma forma, propagandear falsas ideias acerca desta cena apenas para criar uma ideia mais positiva acerca de um panorama que está longe daquilo que considero ideal. Quantitativamente a cena punk do DF nunca foi tão volumosa: há punks indo e vindo o tempo todo, pessoas novas que aparecem e desaparecem no rolê muito antes que você possa ao menos saber os nomes dessas pessoas e, é possível notar, que há ao menos uma aglomeração de punks em cada uma das cidades-satélites do DF e no Plano Piloto hoje em dia. Entretanto, esse salto quantitativo que noto não tem muitos reflexos dignos de nota no sentido de produtividade da cena punk, já que o que atrai tanta gente hoje em dia para a cena punk aparentemente são motivações muito diferentes daquelas que se costumava ver no passado. Eu não quero soar saudosista ou nostálgico, na verdade sempre achei ridículos esses punks mais velhos que se posicionam como viúvos (as) de uma "época de ouro", já que na minha percepção o punk é algo para ser praticado e vivido no aqui e no agora, mas devo ser franco sobre o fato de que vejo a cena atual mais como um aglomerado de jovens que tentam desesperadamente fazer parte de um grupo, um coletivo ou uma gangue pela simples necessidade de compor um rebanho, longe de desenvolver a visão crítica, política e existencial que qualquer punk que tenha conhecimento sobre as origens da nossa cultura irá inevitavelmente desenvolver. E quais as implicações disso¿ Na cena punk do DF tem sido a simples prática de delitos, violência e uso de drogas por pessoas que se dizem parte da cena punk, mas que trabalham muito mais pela destruição disso que se autoproclamam como parte do que pela produtividade cultural ou algo que o valha. Resumir o punk a isso é destruí-lo e é isso o que tenho visto acontecer no DF há alguns anos. Poucos indivíduos estão comprometidos com a movimentação cultural da cena punk, são sempre os mesmos produtores de shows, quase não existem zines impressos, nenhum debate e nenhuma reflexão acerca do punk. Sabe, eu tenho sido um punk de rua por muitos anos e realmente me entristece que pessoas antigas na cena não tenham qualquer preocupação em ao menos tentar esclarecer aos punks mais novos que há algo no punk além da violência e do uso de drogas, que o punk pode sim ser um meio de proporcionar ao indivíduo a oportunidade de fazer da existência algo menos estúpido que o que dita o script ditado pelo establishment. Nesse contexto caótico de oposições e conflitos dentro da cena punk da cidade, o Dögbite se situa em uma posição para além disso que consideramos práticas e posturas nocivas. Procuramos nos manter em contato com grupos e indivíduos produtivos e atuantes na cena, produzindo eventos com essas pessoas. Particularmente têm dado certo os eventos que temos organizado com o Márcio (Os Maltrapilhos) e o Fofão (Besthöven), como foi o caso da gig do Zex (Canadá) e será com o Beton (Eslováquia). Sobre o público do Dögbite o que temos notado é que os indivíduos que estão interessados na cultura punk entendem bem a nossa proposta e comparecem às gigs. Pessoas assim sempre serão bem vindas em nossas apresentações.

05. Considerações finais, espaço aberto para acrescentar o que quiser. De antemão gostaria de agradecer ao querido amigo Moa, por quase 2 décadas de amizade construídas com laços fortes e dizer que é muito bom ter sua banda na primeira edição do Jornal da Casa Punk. Todo meu respeito e admiração, stay true stay fucking punk !!!

Möa: Gostaria de agradecer em nome do Dögbite a você Márcia e aproveitar para parabenizar pela grande iniciativa de criar o "Jornal Casa Punk", é de coisas assim que a cena punk brasileira necessita. Já temos um grande número de pessoas na cena punk comprometidas em destruir o pouco que levamos anos para consolidar, iniciativas assim fazem toda diferença e desejamos muito que essa publicação permaneça pelo maior tempo possível. Queremos dizer ainda que estamos interessados em tocar em outras cidades e os produtores interessados podem entrar em contato pelo e-mail: moa7782@gmail.com. STAY PUNK 'TIL DEATH!!!

Alexandre: Vocal   Andrei: Baixo   Buga: Guitarra   Bruno: Bateria

01. Fale sobre o início da banda, como se conheceram e por que escolheram esse nome.

Andrei: A banda foi formada por mim em 2011 aqui em Curitiba. Não foi fácil até achar os caras certos, conheci o Zóio (Alexandre – vocal) em algum show e um dia o intimei para fazer vocal na SOS CHAOS, é o único integrante que está desde o início na luta comigo. O Buga (guitarrista) e o Bruno (batera) já curtiam as ideias da banda e o som. Num show que fomos tocar em Porto Alegre O Che, nosso ex guitarrista, não pôde ir e o Buga foi quebrar um galho pra nós e está na banda desde então. O Bruno eu conhecia porque já tinha visto ele tocando em outra banda dele e curtia o som, então, quando nosso ex-batera saiu por motivos pessoais, chamei ele pra tocar com a gente e estamos com essa formação desde 2015.

02. Suas músicas falam sobre o quê e qual a proposta da banda?

Andrei: Nossas músicas são protesto, falam sobre o que acontece no dia-a-dia nessa sociedade caótica e suas drogas sociais. A idéia é fazer com que as pessoas saiam do comodismo e abram os olhos pra tudo de errado que acontece ao nosso redor e que fingimos não ver.

03. Vocês irão fazer uma mini tour na América Latina. A maioria das bandas fazem o caminho oposto, 1° Europa ou E.U.A. , o que levou vocês a escolherem os países vizinhos? A banda Pós-Guerra também fará shows na Argentina, e vocês irão começar a tour juntos, o que esperam dessa invasão punk brasileira?

Andrei: A intenção era fazer uma tour na Europa, mas as passagens estavam muito caras (risos), mas vai ser da hora fazer essa tour na América Latina! A Pós-Guerra é foda, também tem estrada rodada, esperamos que essa turnê juntos seja foda e façamos bons shows!

04. A banda irá comemorar 5 anos tocando em um festival no dia 11 de setembro, como está sendo essa organização, quais surpresas, o que esperam?

Andrei: Não será exatamente um festival, é uma festa de comemoração de 5 anos de caos e revolta da SOS CHAOS (risos). Estamos empolgados, vai ser memorável tocar com a *Komando Kaos*, do Wagner (*Sarcófago*) além de algumas participações! Vai ficar pra história! Esperamos que dê tudo certo e que a galera curta!

05. Quais materiais possuem e como conseguir?

Andrei: Temos uma demo – Ratos Urbanos – que foi lançada em 2013 e nosso CD – Geração Fim do Mundo -, lançado pela *Your Poison Records* em 2015. Os patches e camisetas da banda podem ser encomendados no face, pela página *Distro Extinção.*

06. Nos anos 90, a cena punk de curitiba era muito presente, muito forte haviam encontros, bandas, festivais, ocupações, coletivos etc... Eu estive presente em vários deles. Qual a principal mudança daquele cenário para o que existe hoje, o que melhorou, piorou, o que foi criado, como vocês veem a cena punk hoje em CWB?

Andrei: Dos anos 90 pra cá muita coisa mudou, a galera envelhece, casa, muda e são poucas as bandas que resistem. Em compensação é mais fácil conhecer bandas novas, principalmente por causa da internet. A ideologia continua e nós também continuamos aí, fortalecendo, organizando gigs e fazendo acontecer! (risos).

07. Espaço aberto para acrescentar, divulgar, etc.

Valeu o espaço, apoio e parceria, Márcia! Êra punk!
facebook.com/SosChaos
facebook.com/distroextincao

Maldita Ambição

Alan: Baixo & Vocal

Tiago: Guitarra & Vocal

Miller: Bateria

01. Quando começou a Maldita Ambição? Fale um pouco sobre a história da banda, como os integrantes se conheceram e por quê escolheram esse nome?

O maldita foi formado no fim de 2012. Nós três já tocávamos juntos desde 2010 em um outro projeto chamado Minoria Positiva. Era um outra proposta, fazíamos um hard core mais na linha oldschool, com letras que abordavam questões sociais e reflexões pessoais sobre as relações dos indivíduos dentro da sociedade de consumo. Após uns dois anos de atividades a banda se desfez por motivos pessoais. Nos últimos ensaios do Minoria Positiva o Maldita Ambição coexistia, fazendo alguns ensaios aleatórios com o nosso amigo William no vocal, Tiago na guitarra e Miller na bateria, eles ainda não tinham um baixista, eis que depois de algumas conversas eu assumi as quatro cordas.rs! Após quase 3 anos nos vocais do Madita o Willam saiu da banda, depois de entrarmos em um consenso essa foi a melhor decisão, e o Maldita segue em formação de power trio. Nossa proposta é fazer um som pesado, rápido e agressivo com letras que abordam as mais variáveis formas de violência cometidas pelos seres humanos a si mesmos e em relação a todas as outras formas de vidas que dividem nosso mesmo tempo e espaço, compondo assim nossa miserável realidade.

O nome foi escolhido já nos primeiros ensaios, entre tantos nomes sugeridos a melhor opção foi sugerida pelo Tiago. Acreditamos que esse nome contempla perfeitamente a proposta da banda, que é abordar temas enfatizando as problemáticas relações sustentada pelos indivíduos que compõem a sociedade capitalista, culminando em críticas às estruturas sociais e suas instituições altamente corruptíveis.

02. Vocês fazem parte do coletivo D-Beach Chaos, como surgiu a ideia de formar essa cooperativa? Quais bandas fazem parte dela? E o que cada integrante faz nessa cooperativa?

Sim, somos do coletivo D-Beach Caos. Bom, quase todos os membros do coletivo tem um histórico de envolvimento com organização de gigs na cena local. Desde 2004 estamos empenhados em fomentar a cena da região, porem nessa época ainda nos encontrávamos muito dispersos e enfrentando dificuldade em conseguir equipamentos razoavelmente adequados para organizar as primeiras Gigs. Mas mesmo assim a vontade sempre foi maior que as dificuldades, então nunca nos abatemos, sempre nos dispusemos a seguir em frente e superar os empecilhos iniciais, assim anos se passaram e as pessoas se aproximaram. O pessoal de Santos, Guarujá e São Vicente também organizavam gigs, sempre que rolava a oportunidade eles nos envolvia e isso também era reciproco por nossa parte, sempre que dava a gente fazia um intercâmbio entre as bandas. A consequência dessa relação foi firmar a amizade entre todos os envolvidos e florescer a necessidade de criar um coletivo onde serviria como uma ponte para ampliar o alcance de nossas gigs e consequentemente difundir ainda mais o senso crítico. Fora que juntos ficou muito mais fácil em adquirir equipamentos e nos organizar para dar um maior e melhor suporte as bandas e coletivos que passam por nossas gigs. Atualmente as bandas envolvidas ativamente no coletivo são o N.E.K, Ultima Classe, Entendeu?, SummerSaco e o Maldita Ambição. O lance das tarefas dentro do coletivo é dividido por questões de afinidade e necessidade, não tem o que ou quem, que defina isso, pois sabemos que cada um tem uma certa facilidade em exercer determinada função, porém entendemos que cada momento exigi uma atenção diferente, então se for necessário podemos variar as responsabilidades pelas tarefas designadas.

03. Quais os temas abordados pela banda em suas músicas? Quem escreve as letras e como são feitas? Quem monta os riffs?

Temos uma grande preocupação com essa questão da produção musical e os temas abordados em nossas músicas. Geralmente as letras são escritas por mim e pelo Tiago, são dos mais variados assuntos, porém são definitivamente todas de protesto, algumas com visões pessoais sobre o comportamento humano e suas relações de interesses, outras com temas mais amplos que abrangem problemas em escala global, como por exemplo questões sobre o meio ambiente que atingem à todos, independentemente do lugar em que se encontra. Em outras buscamos contextualizar com a realidade na qual vivemos no Brasil, incentivando à uma reflexão crítica sobre a estrutura social que se mantém consolidada durante décadas, gerando uma situação de privilégios à uma pequena camada da sociedade brasileira, consequentemente mantem o abismo social acarretando desigualdade cultural, social e econômica. Os Riffs em sua grande maioria são criados pelo Tiago, mas sobre a aprovação minha e do Miller, rs! Ele tenta fazer um apanhado geral das coisas que mais ouvimos, entre elas estão os dois principais estilos musicais que nos influenciam, o punk hard core e o metal. Dentro disso são criados os principais riffs que compõem a sonoridade do Maldita, com aquele bom e velho aspecto do metal punk, sujo e agressivo, características que mantemos de uma forma criativa para não cair na mesmice.

04 . Vocês mantém a cena punk ativa no litoral, como isso funciona? O trabalho de vocês trouxe alguma melhoria? Quais? E ao longo dos anos podem descrever os pontos positivos e negativos desse cenário?

Poxa, nossa ideia desde o início foi proporcionar aos indivíduos que pertencem a cultura punk uma interação entre si, isso não se restringe apenas pra quem já é do movimento, mas também pra quem se simpatiza e quem procura conhecer um pouco mais sobre as subculturas envolvidas nas gigs organizadas pelo coletivo. Em nossas Gigs sempre envolvemos outros tipos de expressões artísticas, seja poesia, teatro, dança, grafite e etc. Essa preocupação é exatamente com a intenção de mostrar que o punk não é apenas música, existem muitas outras coisas quem compõem e enriquece a cultura punk, as bandas são apenas "ferramentas" que coexistem paralelamente com tantas outras formas de luta, seja a imprensa (zines, periódicos e informativos), oficinas, culinária, palestras, debates e etc. Esse trabalho com o coletivo D-Beach Caos se estende há mais ou menos uns 3 anos, a gente já articulava atividades culturais em diversos lugares da baixada Santista, seja em lugares fechados (privado) ou em espaços públicos (praças, pista de skate). Um exemplo bacana de como nosso trabalho teve um forte impacto foi o que aconteceu no espaço cultural Caverna House. Esse lugar fica localizado na cidade de Itanhaém, podemos dizer que ali foi onde surgiu o embrião do coletivo, pois as primeiras gigs teve uma aceitação bem grande da molecada local que superou nossas expectativas e isso foi formidável porque era exatamente o que a gente queria, atingir a molecada nova que estava destoando pela cidade, se encontravam em situação de tedio sem ter acesso à algo que realmente os comtemplassem. Sabemos que onde a cultura não é prioridade a violência se torna espetáculo. Partindo dessa premissa nos dispomos a fazer os eventos com mais frequência e com alto teor político gerando o senso crítico em todas as pessoas que frequentavam nossas gigs. E incentivando à todos se organizar e colocar em pratica a construção de uma cena local unida e consistente. Consequentemente o que começou em Itanhaém se espalhou para todas as outras cidades da região. Outra coisa legal foi o reconhecimento da galera que organiza e traz bandas de outros estados e países. Por conta do nosso trabalho o litoral de SP se tornou um dos pontos de passagem de inúmeras bandas e coletivos, fazendo parte do circuito de intercambio dessa imensa rede de relações que é o movimento punk. Hoje em dia temos um suporte muito melhor em comparação ao começo de nossas atividades. Possuímos nosso próprio back line, ainda não é nada top, mas é o suficiente para propor momentos inesquecíveis como por exemplo tocar ao lado de bandas como o Rattus, Terveet Kadet, Dead Infection, Magrudergrind entre tantas outras que já passaram e ainda irão passar por terras caiçaras.

05 . Vocês são uma banda de metal punx, como é trabalhar em conjunto com uma banda assumidamente OI Streetpunk que faz parte da cena antifa? Houve algum tipo de rejeição ou cobrança por isso? Vocês tem claramente definido o que é trabalhar/dar suporte a outra cultura, podem definir?

Bom, essa é uma questão bem complicada aqui no Brasil. O lance é que fazemos parte de uma sociedade contextual, onde perpetua o habito de subjugar um ao outro por mero achismo de estar certo ou errado, isso se eleva à todos os níveis de relações entre os indivíduos independente do grupo social a qual pertence. O que estou dizendo é que até dentro do movimento punk existe um "modus operandi" de como você deve agir, tipo, se você "pertencer" ou ter uma certa tendência à tal vertente então você deve pensar, falar e agir como tal, porque é assim que está escrito na cartilha da "coerência punk", caso contrário você será taxado de fascista, desconsiderado e criticado por supostamente não conter os requisitos aceitáveis para os "donos da verdade punk". E uma dessas exigências é que você não pode de forma alguma ter amigos ou qualquer tipo de relação com indivíduos que pertencem a cultura skinhead, por supostamente serem fascistas em potencial. Sabemos que ao longo da História uma grande vertente skin nazista surgiu no fim da década de 80 e se propagou fortemente à todos os cantos do mundo gerando uma grande confusão sobre as verdadeiras origens da cultura skinhead. Assim como a própria história nos mostra, todo cenário político e econômico ao decorrer do tempo sofre transformações e consequentemente altera as estruturas sociais gerando modificações nos grupos sociais, ou seja, alguns acusam os Skins de um suposto revisionismo ideológico, mas na verdade encaramos esse processo como um resgate cultural, valorizando suas origens e características, ao nosso entendimento esse é um fenômeno natural no desenvolvimento de qualquer cultura que tenha a preocupação em contemplar o maior número de pessoas sem se equivocar e cometer algum tipo de exclusão. Partindo deste entendimento concluímos que não há problema algum em trabalhar em conjunto com indivíduos que são assumidamente antifa, seja punk, skin, rapper, metal, libertário, o lance é construir juntos um movimento com propostas palpáveis de transformação social, onde exista uma interação entre todos os coletivos e indivíduos envolvidos. Sim, sofremos um pouco de rejeição por tocarmos em gigs com bandas antifas, mas não nos incomodamos com isso, pois nosso som não é pra ficar circulando apenas em um grupinho fechado repleto de "donos da verdade", nosso som e nossas ideias é pra atingir à todos de uma forma ampla. Achamos um absurdo esse lance de se auto denominar antiskin, compreendemos que dentro da cultura skin existe indivíduos que são sim antifascistas e mantem essa postura buscando construir uma coerência dentro das possibilidades. Infelizmente existem pessoas que se contradizem agindo de forma fascista, tanto no punk ou skin, e isso se estende pra várias outras subculturas que interagem entre si. O lance é a gente buscar execrar esse tipo de comportamento fascista em todas as relações possíveis, seja no meio punk, skin, rapper, no trabalho, na rua, em qualquer lugar... e construir juntos uma cena consistente onde nosso inimigo seja "um só", o Estado e as grandes corporações. Enfim... estaremos aqui para construir juntos o caminho da revolução social, esse caminho é longo e árduo, porem juntos somos fortes !

06 . Gostaria de agradecer aos amigos Tiago, Alan e Miler pela entrevista vocês são queridos amigos e agradeço todo suporte dado a essa primeira edição do jornal. Espaço aberto para acrescentarem o que quiserem.

Opa, obrigado você! Nós que agradecemos pela oportunidade em participar dessa primeira edição, somos muito gratos em poder falar um pouco mais sobre o Maldita Ambição e nossos projetos com o coletivo D-Beach Caos. Acreditamos que esse tipo de iniciativa se faz necessário para manter a chama da resistência acessa, com isso expandir nossa luta e emancipar o maior número de pessoas possível, combatendo e extinguido o fascismo, racismo, machismo, homofobia, xenofobia, transfobia e todo tipo de opressão. Quem quiser conhecer um pouco mais sobre o Maldita Ambição e nossas atividades com o coletivo é só procurar no Facebook. Esperamos um dia nos conhecer pessoalmente e juntos construir, produzir e resistir !!! Abraxxxxx !

RESENHAS

The Restarts - A Sickness of the Mind [2013]

O Restarts está na ativa por mais de duas décadas (1995), é uma banda punk Londrina. Gravou muitos eps, splits e full lenghts. "A sickness of the mind" é o seu último lançamento, saiu pelo selo No Label Records formato LP na cor amarela.
Esse é um disco de punk político com uma pitada de hardcore, a gravação captura toda a essencia da banda e toda a agressividade que expressam ao vivo. Cada música no disco tem suas próprias características e influencias. A principal característica é a influencia de ska em diversas faixas, especialmente em "Uganda Calling" e na última faixa "Painter Man", cover da banda "The Creation". Nesse disco, o Restarts expressa raiva pela desigualdade e corrupção política de forma tão agressiva que é fácil assumir o registro como um atestado político, cheio de energia e coerencia.
Esse é um dos melhores discos de hardcore punk que ouvi em anos, sim a banda está mais velha e tem mais experiência mas se mantém atual e com a mesma energia de seus primeiros registros. "A sickness of the mind" é um excelente registro de hardcore punk político e descompromissado e se você não é familiar com o som da banda, esse é definitivamente um bom material para começar.

Acidez - Don't Ask for Permission [2011]

Acidez é banda punk mexicana formada no início de 2003 pelo batera Nauja e o então vocalista Karloi.
CD lançado pelo selo Bambam Recs e contém 13 faixas do mais puro hc punk com riffs pesados e raivosos.
A 1ª música "Acideztruction" cantada em inglês deixa claro o que querem e para que vieram, "Nós estamos destruindo suas regras com nosso barulho" essa música tem um refrão forte. Na sequência vem a música " No Existen Reglas", " Linea De Muerte", "Fe De Ciegos" mantendo toda energia da 1ª música, o album "Don't Ask For Permission" é aquele CD que você pega pra ouvir e vai do começo ao fim, pois esses garotos transmitem toda raiva punk contra o sistema, eles são realmente ácidos. Destaque para a música "Don't Ask For Permission", é a música de fechamento do CD e seu refrão "Don't ask for permission, Make of your life a free way to live. A free way to live. A free way to live" é inacreditável, Acidez é uma banda punk ímpar com atitudes e postura que vão além da música, mas esse garotos canalizaram seu ódio contra o sistema e toda energia punk muito bem em suas músicas.

E para quem não conhece Acidez, digo que essa banda vale muito a pena, aproveite e ouça os outros álbuns e veja os vídeos no youtube. Esse álbum pode ser resumido nessa frase "Punk äs fuck" !!!!.

Coletânea - Buracos Suburbanos [2014]

Resultado de um trabalho cooperativo entre as 10 bandas participantes e o selo Casa Punk Recs, conta com a participação de 9 bandas punks brasileira e 1 banda punk americana. Cada banda tem duas músicas.
O lado A do LP começa com a banda Luta Armada da zona leste de SP, com com seu rawpunk característico de afinação baixa, contratempos e frases rápidas, a música "Pogo Punx" faz qualquer um querer sair do chão. Na sequência, a banda Repressão Social do RJ, com sua música punk raivosa anos 80 que remete a bandas como Fogo Cruzado e letras politizadas, destaque para a música "Parasitas". The Squints mostra o puro espírito 77, banda do DF com riffs fortes, como não querer cantas junto com a música "Kids of Today"? Na sequência a banda de Guarulhos/SP Dependentes Químicos vem com sua música criativa, rápida e agressiva, gritando toda sua raiva, a música " Chega de Patifaria" é empolgante e por último a banda Antagônigos da zona oeste de SP, puro hc d-beat oitentista a cada acorde tocado, junto vem toda uma energia não poderia deixar de falar sobre a música "Guerras" as paradinhas do começo e as batidas d-beat vão te fazer pensar que está em alguma gig escandinava dos anos 80.

O lado B começa com a banda punk americana The Bloodclots de Seattle, as músicas foram gravadas no estúdio da Casa Punk quando vieram em turne, boas letras com uma sonoridade típica das bandas street punks americanas, destaque para a música "Reveille". Na sequência o punkrock com vocal feminino da banda Vozes Incômodas de Barueri/SP, letras politizadas (conteúdo forte) e suas músicas farão você tirar os pés do chão certamente. Depois vem o Material Inflamado de Duque de Caxias/RJ com o mais puro D-beat a música "Proud Punx" é fantástica, ótimo riff e na sequência outra banda do RJ a Sub-Atitude com uma versão do "Bate o Sino" que é a música "Ariel Sharon" o instrumental rasgado e o agressivo mostra por que estão a tanto tempo na estrada, ótimas músicas e por último a banda do Recife/PE a Guerra Urbana d-beat rawpunk com vocal feminino mostrando muito garra e energia, boas letras e o bons riffs, destaque para a música "Homicidios". Essa é uma daquelas coletâneas raras que te prende do começo ao fim, vale a pena conferir todas as bandas.

DEPOIMENTOS

Essa coluna é algo permanente no jornal, coletar depoimentos de punx em volta do mundo e publicá-las com o intuito de que suas experiências e motivações alcancem o maior número de punx.
Cada punk tem sua história e cada história é algo importante em nossa cultura. Carrego há anos esse projeto em minha mente, perguntar o caminho que fizeram essas pessoas chegar ao que são hoje dentro da nossa cultura punk.
As questões são básicas, e não há limite de linhas para responde-las . Então espero que vocês apreciem essas histórias e que de alguma maneira se sintam parte dela.

Nome:
Idade:
Punk desde:
Lugar onde vive:
Coisas que você fez/faz parte (bandas, grupos, coletivos, zines, shows etc.):
01. Como conheceu a cultura punk? (Seu primeiro contato, como, quando e onde ouviu falar sobre punk)
02. O que te levou a querer fazer parte dessa cultura? (música, banda, shows, amigos)
03. O que te manteve e te mantém punk até hoje? (É possível passar a vida inteira dentro dessa cultura?)

Tulsa, E.U.A
25 anos (punk desde 14)
Eu e meu marido temos uma loja chamada *Boulevard Trash*. Eu organizo bazares punks em Tulsa, OK e Denver, CO - em breve em todo E.U.A. Eu também colaboro na organização do *FYWROK* (um festival conhecido street punk) em Tulsa, OK.

[1] Eu conheci a cultura punk através de amigos quando era mais nova.
[2] Assim que eu entrei em contato com a cultura punk eu me apaixonei e não a deixei desde então.
[3] Eu sou bastante envolvida com a nossa cena local, eu e meu marido organizamos vários eventos para manter a cena punk viva por aqui e nos Estados Unidos. O punk significa muito pra mim e eu farei o possível para o manter crescendo e vivo para as próximas gerações que virão.

ANDRÉ LUIZ (DRANZE)

Recife/PE
28 anos (punk desde 13)
Bandas que já participei: BARATA ROSA RABIA BERRO NOISE CHAOTIC LIFE DISFORM GUERRA URBANA A MARCA DA REVOLTA VUTTOS D LUTTO TUMMOR E SANG KIZILA RUIM JAKO SURRADO RECOVA.
Já fiz parte do coletivo que já não existe mais o G.I.P. (Grupo da Independência Punk) e desde 2003 com o término do G.I.P. estou ativamente com um coletivo que ajudei a formar o F.S.P. (Frente de Sobrevivência Punk). Tenho uma distro chamada G-BEAT PRODUÇÕES que também é um selo independente e uma produtora de eventos voltadas à cultura punk e do underground local. Produzo zines desde o meu início dentro do rolê punk: PUNK ZINE que chegou até a 4ª edição; CACOS DE VIDRO ZINE que está atualmente em sua 4ª edição (o mesmo se tornou uma coletânea sonora); APARÊNCIA MULAMBENTA que também está em sua 4ª edição. O mais atual que faço em conjunto aos amigos aqui é o UM GRITO NO SILÊNCIO ZINE que está em sua primeira edição KIZILA RUIM ZINE. Além disso que citei sempre fiz parte ativamente dos points, encontros, e na maioria das organizações de gigs e rolês punks aqui na city...

[1] Conheci o punk através da música no final dos anos 90 junto ao meu irmão que permanece ativo em sua postura punk ALLAN...sempre estavamos lado a lado no início, um dos amigos nossos sempre tinha fitas k7 com som punk e começamos a por de lado os outros estilos sonoros e a cair de cabeça na sonoridade punk...dai então a partir do surgimento de uma associação anarco punk em um bairro visinho amigos nossos iam em eventos no local e traziam materiais didáticos(zines) e começamos a fazer por nescessidade nossa de expressar nossas idéias, dai formamos banda e começei a buscar conhecer os demais punks aqui da cidade, em gigs e reuniões Em uma dessas reuniões fomos chamados pra tocar que foi um choque para os punks mais antigos naquela reunião causando uma forma de repulsa entre eles mais com nossos esforço e vontade de fazer parte daquela cultura participamos e começamos a fazer parte das reuniões e organizaçoes dentro da cultura punk em Recife.
[2] Já tinha várias perguntas sem respostas e me sentia como se tivesse sendo manipulado por tudo a minha volta... Meus pais sempre diziam que não existia motivos pra tal revolta mais começei a bater de frente com tudo na época..igreja, regras comportamentais , e aquilo me fez enxergar tudo ao meu redor de uma forma diferente dai então vi que o punk em meu indivíduo e nas minhas ações do dia a dia me fazia bem como pessoa e eu conseguia seguir em frente pra enfrentar os demais obstáculos da vida...perpetuando nessa postura até os dias de hoje sem pensar nunca em disistir
[3] A forma de ser, vestir e pensar... Isso me motiva até hoje em está resistindo como punk... A essência mesmo do bagulho... Uma forma de se expressar livre sem cartilha e sim de princípios libertários... A sonoridade única e que está sempre em evolução e o visual que me faz por pra fora toda minha revolta contra as coisas impostas pelas grandes indústrias da moda Além do que amo o que uso e o que faço O sentimento pelo punk na maioria das vezes ultrapassa os limites e fica na frente sempre(minha companheira fica puta da vida kkkkk) mais amo demais como sempre falo eu sou punk eu sou o punk meu ser é isso...se eu tentar máscarar de alguma forma o que sou não serei mais eu... Não se pode negar o que é Quando você realmente gosta e tem motivação constante pra ser e viver aquilo... Eu vejo que a cultura punk com seus 40 anos ou mais de existência tem seu propósito que é abrir a mente pra todo aquele indivíduo que tem duvidas e medo da realidade ... Faz com quer o cara tenha forças pra encarar , bater de frente se libertar e lutar por algo maior ... Somos e sempre seremos a resistência contra todos os males sociais...
Agradeço ao espaço para expor minha paixão pela cultura que faço parte ... Viva o punk viva nóis... Raw punk do ibura Hellcife -PE

LUCA CONTENTI

Brescia, Itália
24 anos (punk desde 16)
Bandas: Defectives e SSEX

[1] Em 2005, eu arrumei uma coletânea em CD-R com várias músicas de bandas toscas do meu país de todo mundo. Nem todas as bandas eram boas, mas algumas eram bem legais (eu lembro do Unseen, por exemplo). Esse foi meu primeiro contato com a música punk. Na minha cidade existe um festival que acontece no verão, onde tocavam bandas punks legais na época, foi quando eu fui no meu primeiro show em 2006, onde tocaram só bandas punks italianas, e eu gostei. Nessa época, eu comecei a ir a vários shows, infelizmente sempre sozinho, não era fácil (risos). Eu não tinha amigos punks na cidade onde morava, mas ano após ano eu fui conhecendo gente de toda parte. Eu não fui apresentado ao punk por amigos, eu fiz isso sozinho porque eu gostava/precisava e estava interessado.
[2] Desde o começo eu sempre fui fascinado pela maneira rápida e direta de se expressar, desde o estilo até a arte, ideias e músicas. Eu descobri um mundo D.I.Y. que eu jamais teria imaginado, onde as pessoas se ajudam na luta para criar e manter projetos, sem muito dinheiro ou recursos, mas com grandes ideias e apoiando um ao outro. Algo que é muito difícil de encontrar em outras realidades. Me refiro a qualquer tipo de projeto (bandas, coletivos, etc).
[3] Existem vários motivos. A coisa que eu mais amo, antes mesmo da música, estilo, arte, etc., é que você encontra pessoas amigas em qualquer lugar qualquer que seja o lugar, com quem você pode trocar ideias, música, cerveja e se divertir. Nos últimos anos eu vivi as experiências mais lindas por várias partes do mundo. A minha vida gira ao redor desse mundo underground, tudo: meus projetos, amigos, viagens, diversão. Isso é o que me mantém vivo, e eu amo.

ADRIANO ÖNAIRDÄ

Recife/PE
34 anos (punk desde 15)
Bandas: Pröjjetö Mäcäbrö, tërrör Älgüm, Derruba Tus Muros, kaaska, alarme de resistência, Hambiente Hostil, Execração, DZR, Rejeição Social, PSG NHC, HellCrüst, Tinnër.
Coletivos: De 1999 ate 2003 Participei do MAP. Depois de alguns Núcleos Hardcores... Hoje apenas com minhas produções pessoais e bandas.... Distribuidora: Toras Distro.

[1] A musicalidade conheci em 1993, Sempre via os punks em Recife... Que hoje até um deles toca comigo na Derriba Tus Muros (Amadeu), na época que eu via, eu era muito jovem.. Tinha medo e receio de todo o caos que eu via. Depois de alguns anos fui na Paraíba e conheci em outro estado fora da minha realidade em João Pessoa com a galera da Descarga Violenta e outros punks que estavam nas ruas.
[2] A razão de sentir algo que sempre acreditei, de contestação de vida... liberdade de pensar e agir sentir algo real e sincero... a cultura punk si, Música, indumentária, amizade e radicalismo... onde até hoje se renova cada vez mais...
[3] A própria vida! A motivação de ser um cosmopolita de ideias e de práticas vividas no dia-a-dia. A música a arte e a convicção de viver algo que realmente sou! A cultura punk me fez ter várias visões e lições de vida...
Vejo toda a cultura como algo forte e resistente. De várias fases extremas da decadência à construção de algo inesperado. Radicalismo e seletividade sempre! Punk Hardcore Nihistas e anarquistas uma junção do equilíbrio mental e físico! Up the punks!
PS: Esse pequeno Release foi feito em meio da turnê da Pröjjetö Mäcäbrö no México.
Obrigado por tudo minha amiga querida Márcia!!!
Up the punks hardcores!

Alemanha
28 anos (punk desde 15)
Bandas: Disfleish

ALICE DE

[1] Bom, acho que eu tinha 9 anos quando tive o primeiro contato com a cultura punk. Minha irmã mais velha tinha algumas fitas de bandas punk e alguns dos amigos dela já eram da cena punk também (eu cresci numa cidade pequena, então não havia uma cena punk "de verdade" mesmo). Eu sempre ouvia essas fitas, e 4 anos depois acabei indo ao meu primeiro show punk... foi aí que tudo começou.
[2] Quando eu era adolescente eu tinha muita raiva e estava de saco cheio da maioria das pessoas à minha volta, principalmente os politicos do meu país. O cultura e a música punk foram um escape pra mim... salvaram a minha vida, não sei onde eu estaria sem o punk. Era uma época bem enérgica e poderosa pra mim como adolescent, não fazendo parte de uma sociedade em que eu nunca acreditei. Nós começamos nossas primeiras bandas, nos tornamos ativos em grupos antifascistas e de ações a favor dos direitos dos animais, eu comecei a viajar pela Europa para conhecer o que a cultura punk era em outros países. Sempre foi um movimento politico pra mim e ainda é até hoje.
[3] O que faz o punk continuar vivo pra mim? O espírito! O punk cria coisas muito bonitas na minha vida. Minhas motivações continuam as mesmas, eu quero tentar mudra alguma coisa, mesmo que seja só me manter a vida toda em uma contracultura. Eu tenho muito o que criticar na cena punk de hoje em dia. Nós somos apenas mais uma parte de um mundo de merda. Mas pra mim o punk sempre está tentando criar alguma coisa, se manter ativo, lutando contra o racismo, sexismo, homofobia e todas essas merdas. Isso é muito importante pra mim. E claro, a música também é uma parte importante do meu dia-a-dia. Eu amo ir a shows, assim como amo tocar e organizá-los.

ERIKA ANNE

Las Vegas, E.U.A
56 anos

O meu primeiro show punk, foi 999 tocando no Whiskey A Go Go em 1978. Tudo começou aí, em torno de 30-35 anos atrás. Naquela época eu usava muitas drogas, hoje em dia eu estou com 56 anos e sei que esse lixo pode arruinar uma pessoa. Eu acordei pra vida e disse CHEGA. Se você estiver chapado, não tem como produzir e apoiar a causa punk na luta contra o sistema.
Atualmente, nós temos uma pessoa horrível, Donald Trump, se elegendo para presidente, vomitando sua ideologia nazista para ignorantes. Essa é minha luta...NÃO DEIXEM ESSE FASCISTA NO PODER.

Haddington, Inglaterra
53 anos

Eu tive sorte de viver a época em que o punk estava surgindo... ele mudou a minha vida. Eu era alguém que não se encaixava no sistema patriarcal e o punk me salvou disso!!! Eu me envolvi em causas que eu acreditava e abri minha mente para o anarquismo e direitos dos animais, assim como a política em geral. O que começou como uma "rebeldia de adolescente" se tornou a minha vida!!! As lindas amizades e amor dentro da cena punk, assim como bandas brilhantes e organizadores com o espírito D.I.Y. vão sempre manter a cena punk viva!!!
Minha vida é o punk e eu farei tudo que estiver ao meu alcance pra mantê-lo vivo... eu amo isso!!!

GRAHAM HOOK

Salt Lake City, E.U.A.
27 anos (punk desde 15)
Bandas: Never say Never, NFFU, Year of the Wolf, Bad Engrish (em uma tour) e Revolt. Atualmente canto no Drunk as Shit (SLC, UT), e toco guitarra no Frontline Attack (Dallas, TX). Eu sou serígrafo mas eu também faço outros bicos pra me manter. Eu era bem ativo no coletivo PyratePunx aqui de Salt Lake City, mas hoje em dia eu só promovo eventos de vez em quando. Eu estou organizando o Anti-Nowhere League aqui 03 de junho.

CHRISTOPHER DRELINGER
in memoriam

[1] Eu conheci o punk rock enquanto pesquisava o que outras bandas ouviam. Quando eu descobria uma banda legal eu olhava as camisetas que eles estavam usando e ouvia a banda da estampa. Se você quer saber o caminho que eu trilhei, eu comecei com pop punk (infelizmente) quando ainda estava na escola. Minhas bandas favoritas iam de Blink 182 à Anti-Flag até Casualties, que quando ouvi sabia que tinha me encontrado. Desde então eu passei a ouvir e tocar hardcore/punk rock.
[2] Meu principal motivo pra querer adotar essa cultura foi ter visto coragem nos garotos para lutar por eles e pelo que acreditavam, não importando o que o resto da sociedade pensasse ou sentisse. Eu estava descobrindo por minha conta que não me encaixava no molde padrão da escola pública e queria a VERDADE mais do que qualquer coisa, independente do quão feia ela pudesse ser. Punk rock me deu uma saída para encontrar a mim mesmo e a verdade sobre o que estava acontecendo com o mundo, assim como me deu uma razão para tentar mudá-la e lutar contra os poderes que oprimem a mente das pessoas. Eu acredito na evolução, e não se escreve REVOLUÇÃO sem ela.
[3] Eu ainda sou punk e sempre serei, foi no punk que encontrei meu coração e essência. Eu escrevi letras com meu sangue, suor e lágrimas por isso e acredito que no fundo nós somos os iluminados

MÁRCIA MIRANDA

Idade: 43 anos (punk desde 14)
Bandas : Habitantes do Valetão (1987-1990), Casca Grossa, Pós Guerra, Vala Negra, Ira Dos Corvos, Luta Armada, Boots and Bristles, Two Cents.
Coletivos: MAP/Jundiai, CAF/SP, Rojos de Rabia, Hijos del Pueblo, Gato Preto, Comuna Cecícilia, Vidativa. Distros: Rojos de Rabia, Päu dä Lääska e Casa Punk.
Fanzines: Casca Grossa, Rojos de Rabia, Info Caf, Vidativa, Abiose, Töskeira, Musta, Rawpunk Sub, Jornal Casa Punk.

[1] Eu conheci a cultura punk voltando da escola ... duas, as vezes três vezes na semana uma quadra antes de chegar na minha casa, eu ouvia uma banda fazendo barulho ... e sempre parava em frente para espiar, até que um dia ... me convidaram a entrar e ver o ensaio ... waw para mim foi a 8ª maravilha do mundo, a sensação de estar fazendo algo muito errado (imagina se meus pais soubessem que eu havia entrado na casa de desconhecidos lol) aquela energia, o ódio que saia pelo boca em plenos pulmões ... era a primeira vez que ouvia um som punk ... Não, nunca fui roqueira de praça, não conheço nada de bandas de metal ou outros estilos .... meu contato foi pela curiosidade em saber pq aqueles garotos gritavam tanto .... Então percebi que isso tudo foi apaixonante e aquilo foi tão forte que carrego dentro de mim todo sentimento despertado. E agradeço aqueles garotos, de calças rasgadas, camisetas do Sex Pistols, all star e pulseiras de prego por serem mediadores do meu contato com o punk .... E deixo aqui minha saudades dos ensaios da banda Rejeitados (essa banda existiu até 1987 na cidade de Suzano Zona Leste - não sei quantas bandas existiram com esse mesmo nome, mas a formação era Fabio, Pedroki, Max e Mauro).
[2] Essa energia e revolta, me fez querer conhecer melhor a cultura punk porque eu me identificava com aquilo. Me identificava com o fato da extrema pobreza e os questionamentos que fervilhavam na cabeça por ter não entender a desigualdade social, não entender o por quê de não ter comida na mesa ou o simples fato de ver meu pai a cada 3 meses e sendo explorado em trabalhos braçais a troco de moradia.

[3] São muitos fatores que me levaram a querer fazer parte da cultura punk, e um deles foi o amor/ paixão que o punk despertou em mim. Toda rebeldia que a música gritava com suas letras agressivas, os alfinetes e giletes, as tachas e jaquetas pretas, as calças rasgadas e o coturno, as fitas k-7s, os fanzines ... Me tiravam suspiros e as meninas dos meus olhos brilhavam intensamente. Começar a querer fazer parte de algo é difícil descrever esses sentimentos com palavras, parece injusto ... posso esquecer de algo ... essa rebeldia e desejo por mudanças e principalmente o fato de eu não me encaixar no meio social me fez querer fazer parte da cultura punk.
Então em 1987 montei minha primeira banda punk, ... e de lá até hoje tracei um longo caminho.
O que me mantém punk até hoje é música, banda, shows, amigos, produções, distro ... o gosto em ser uma pessoa produtiva. Amo fazer parte desse meio. O acorde tocado ainda me arrepia, e sei que posso viver minha vida inteira nesse meio. Eu sempre gostei de arte, de música, de fazer parte de algo e a cena punk me proporcionou isso, viajar e conhecer pessoas tocando com bandas, toda produção com a distribuidora de materiais e com o selo, os pequenos e grandes festivais que organizei e ainda organizarei, fanzines, fotos, videos, sorrisos, abraços, lágrimas, raiva, perda, conquista e tudo mais que esse meio me proporcionou. Eu vivi minha adolescência inteira dentro da cena punk, me tornei adulta, mulher, tive um filho, construi meu caminho e nunca precisei estar fora da cena punk pra isso. Meu filho hoje toca bateria comigo, e fico feliz por poder viver novas experiências na cena punk com ele, agora adulto (quando estava grávida fazia show, depois que ele nasceu eu o levava para cima e para baixo em manifestações/protestos, gigs, palestras ... meu filho cresceu dentro da cena punk e fico feliz por ele fazer parte dela).
O visual punk nunca me impediu de nada, e essa questão caracterísca da cultura punk : visual (rebites e cabelos coloridos) sempre me fascinaram, eu gosto de andar nas ruas mostrando minha cultura e tenho orgulho do que sou: filha, irmã, mãe, punk, mulher.
Sou punk e isso me basta !!!!

1%
PUNKS DRESS PUNK
is 99% SHIT
STAY PUNK STAY DEKT
A JOURNEY OF 1000 MILES
STARTS WITH A SINGLE STUD
STUD YOUR JACKET
STUD YOUR VEST
STUD YOUR FACE
DO it TODAY, BASTARD
IF YOU DON'T WEAR STUDS, FUCK YOU!